

JAR

DINS

DO

SAGRA

DO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA UFMG

Diretor: Flavio de Lemos Carsalade

Vice-Diretora: Camila Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL

Flavio de Lemos Carsalade (Presidente)

Ana Carina Utsch Terra

Angelo Tadeu Caetano

Camila Figueiredo

Carla Viana Coscarelli

Élder Antônio Sousa e Paiva

Emília Mendes Lopes

Ênio Roberto Pietra Pedroso

Henrique César Pereira Figueiredo

Kátia Cecília de Souza Figueiredo

Lívia Maria Fraga Vieira

Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra

Luiz Alex Silva Saraiva

Marco Antônio Sousa Alves

Raquel Conceição Ferreira

Renato Assis Fernandes

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

Rita de Cássia Lucena Velloso

Rodrigo Patto Sá Motta

Weber Soares

JAR

César Geraldo Guimarães
Flávio Henrique de Oliveira Santos
Maria Carolina Fenati
Organizadores

DINS

DO

Cultivando insabas que curam

SAGRA

DO

(EDITORAufmg)

© 2023, Os organizadores

© 2023, Editora UFMG

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

J37 Jardins do Sagrado: cultivando insabas que curam / Organizadores César Geraldo Guimarães, Flávio Henrique de Oliveira Santos, Maria Carolina Fenati. – Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2023.
16 x 20 cm

ISBN 978-65-5858-127-7

1. Saberes tradicionais. 2. Insabas. 3. Comunidades afro-brasileiras. 4. Comunidades indígenas. I. Guimarães, César Geraldo. II. Santos, Flávio Henrique de Oliveira. III. Fenati, Maria Carolina.

CDD 981.51

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

COORDENAÇÃO EDITORIAL Michel Gannam

DIREITOS AUTORAIS Anne Caroline Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Eliane Sousa

COORDENAÇÃO DE TEXTOS Clarissa da Cunha Vieira

COORDENAÇÃO GRÁFICA Fernando Freitas

PRODUÇÃO GRÁFICA Warren Marilac

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – CAD II / Bloco III

Campus Pampulha – 31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel: + 55 31 3409-4650 – www.editoraufmg.com.br – editora@ufmg.br

- 9 **Saberes tradicionais e políticas culturais**
Eliane Parreiras e Luciana Féres
- 13 **No caminho das folhas –
salvaguarda do patrimônio cultural afro-indígena**
Álan Oziel da Silva Pires
- 25 **Nota dos entrevistadores –
O que as folhas têm para nos contar?**
Flávio Henrique de Oliveira Santos [Dofonutin de Ósùn]
- 29 **Nota dos editores –
A escuta como método**
César Geraldo Guimarães, Fernanda Regaldo e Maria Carolina Fenati
- 33 **Nada se faz sem folha**
Tat'etu Jalabo
- 61 **Todas as plantas têm vida**
Mam'etu Muiandê
- 83 **As plantas caminham junto com os povos**
Toá Canynã Pankararu
- 109 **Todo ser tem o seu saber**
Yalorixá lone Ty Oyá

- 139 **O despertar de uma folha**
Humbono Misiò Luiz Fernando
- 163 **A folha é sangue**
Babalorixá Sidney d'Oxóssi
- 191 **A floresta está sempre em movimento**
Darupü'üna
- 215 **O Candomblé é um ritual de folhas**
Iyá Ewé Angela Gomes
- 243 **O tempo da folha**
Pai Ricardo
- 277 **Uma conversa entre viventes –
terra, folhas, bichos e imagens do tempo
como acontecimentos poético-educativos**
Wagner Leite Viana
- 289 **Retratos das mestras e dos mestres**
Dolores Orange
- 309 **Índice remissivo**

Saberes tradicionais e políticas culturais

Eliane Parreiras
Luciana Féres¹

O RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES culturais populares e tradicionais, vinculadas às matrizes africanas e indígenas, nosso patrimônio cultural vivo, possibilitou ao longo das últimas décadas a ampliação do entendimento sobre os elementos formadores do patrimônio da cultura da cidade e seus territórios.

Nesse sentido, a Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, da Fundação Municipal de Cultura e de sua Diretoria de Patrimônio Cultural, busca compreender a conformação da história e identidades de nossa cidade a partir da identificação e reconhecimento, cada vez mais amplo, de um complexo de lugares, celebrações, ofícios e formas de expressão que representam nossa diversidade cultural.

Há inúmeros avanços no reconhecimento oficial sobre a contribuição das culturas afro-indígenas na construção da nossa identidade nacional. Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido na reparação das agressões e do desrespeito às culturas dos povos indígenas e negros. E as políticas culturais são fortes componentes desse processo.

¹ Eliane Parreiras é Secretária Municipal de Cultura e Luciana Féres é Presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

No caminho das folhas – salv guarda do patrimônio cultural afro-indígena

Álan Oziel da Silva Pires¹

Kosi ewé, kosi Orisà.
Sem folha, não há Orixá.

EMBORA SEJA DE ORIGEM IORUBÁ e associada ao Candomblé da nação Ketu, o sentido dessa sentença é amplamente difundido nas diversas comunidades de terreiro, independentemente da sua linhagem, pois remete à indispensável presença das folhas, do elemento vegetal, nas práticas culturais dos Sagrados de matrizes africanas. Para os povos indígenas, as folhas são expressão do Sagrado e também estão na base de práticas culturais e transmissões de saberes. As comunidades tradicionais afro-brasileiras e indígenas são herdeiras e difusoras de cosmocepções de tradições culturais nas quais prevalece um todo integrado. Nessas tradições, a energia criadora do universo está presente na humanidade, nas plantas, na água, no fogo, na terra. Os elementos vegetais, animais e minerais estão interligados

¹ Coordenador da Política de Patrimônio Imaterial e do projeto *Jardins do Sagrado* na Diretoria de Patrimônio Cultural, da Secretaria Municipal de Cultura e Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

Nota dos entrevistadores – O que as folhas têm para nos contar?

Flávio Henrique de Oliveira Santos
[Dofonutin de Ósùn]

Dedico este texto a Iyalasé Ivete Moreira (Ilê Asé Omiojuaro/RJ),
que se encantou deixando seu legado marcado
em seus filhos e suas filhas.

O ORVALHO DA MANHÃ, o cheiro do fumo, do milho torrado e das folhas tomam as aldeias e os terreiros onde humanos e não humanos partilham saberes e fazeres de suas comunidades. É a partir das experiências coletivas com o universo vegetal que se tecem o modo de saber, o modo de fazer e sobretudo o modo de ser dos povos tradicionais. Em julho de 2021, em meio à pandemia de Covid-19, recebi o desafio de tecer memórias, narrativas e vivências com mestras e mestres mediadas pela relação com as folhas, ewés e insabas. Como fazer isso durante o período de isolamento, sem sentir o território, a territorialidade, o cheiro das ervas, o calor do abraço, a energia dos atinsá e o asè que emana ao levarmos a cabeça ao chão a cada cantiga entoada? Percebo que é necessário aceitar desafios, esse e tantos outros, para enfrentarmos o silenciamento dos conhecimentos oriundos dos povos indígenas e de matriz africana, seja aquele que se reproduz e se dissemina perversamente na vida social – pelo racismo, pelo

Nota dos editores – A escuta como método

César Geraldo Guimarães

Fernanda Regaldo

Maria Carolina Fenati

ESTE LIVRO É COMPOSTO de textos feitos a partir de conversas com mestres e mestras das comunidades tradicionais (afro-brasileiras e indígenas), em um atento processo de escuta e edição. Com o intuito de apresentar os saberes e os modos de vida em torno das insabas – as plantas de uso medicinal e ritualístico – tão presentes nos terreiros e nas aldeias, foram feitas entrevistas por vídeo, com cada um dos mestres e mestras, ao longo do segundo semestre de 2021, durante o período da pandemia de Covid-19. Em seguida, as falas dos mestres foram transcritas pela equipe de bolsistas integrantes do projeto *Jardins do Sagrado*, e com esse material – vídeo e transcrição – foi feito o trabalho de edição deste livro.

A partir de um processo intenso e prolongado de escuta, desenhamos o gesto editorial. Escutamos as mestras e os mestres, lemos as transcrições repetidas vezes, confiando que nesse encontro com a palavra dita e transcrita entenderíamos uma maneira de editá-las na forma escrita. A nossa aposta foi na palavra escrita aberta ao modo como os mestres e as mestras se expressaram, de tal maneira que os modos de vida e pensamento partilhados nas entrevistas e nas

MEU NOME É TAT'ETU JALABO OU PAI GERALDO, intitulado na Casa de Cultura Lode Apara, de Santa Luzia, Minas Gerais. Nós estamos no Candomblé há 53 anos. Isso tem me trazido muita alegria, e muita razão de viver e de aprender. Estou na diáspora desde que nasci. Meu pai morreu com 83 anos, filho de escravos, e eu sou neto de escravos. Portanto, tenho também a consciência dos escravizados: eu nasci com ela e ela continua no meu sangue. A liberdade do negro não é a mesma do branco. Só o negro sabe disso. Quanto mais se fala que não há tolhimento da liberdade, mais o negro percebe que a sua liberdade é tolhida em todos os aspectos: culturais, sociais, filosóficos, religiosos. Desde o nosso nascimento. Eu aprendi a viver assim e consegui, até aqui, colher algumas ferramentas que me propiciaram me desvencilhar das armadilhas escravagistas.

Tudo ficou mais evidente para mim quando fui iniciado no Candomblé, como disse, há 53 anos. Hoje tenho 77 anos de vida. Se meu pai morreu com 83 e eu o perdi com onze anos, é fácil colocar mais esse dado e saber exatamente há quanto tempo eu estou nessa trajetória de convivência com a escravização. Só que, quando me iniciei, encontrei um ancestral. Comecei, então, a me encontrar dentro da ancestralidade, ou seja, comecei a conhecer o imaterial e seus benefícios para o social. O *Jardins do Sagrado* me trouxe a oportunidade de expressar a minha versão do mundo Bantu, ou seja, da visão do mundo

EU ME CHAMO EFIGÊNIA MARIA DA CONCEIÇÃO. Nasci em 2 de janeiro de 1946, na cidade de Ouro Preto, em um lugar que se chamava Campo do Raimundo. De lá, percorri um longo caminho com minha mãe, com minha família. Moramos em vários lugares em Ouro Preto, e paramos atrás da Escola de Minas, em um lugar chamado Morro da Queimada. Minha avó, minhas bisavós, minhas tataravós ainda eram vivas e moravam em um quilombo vizinho, que se chamava Engenho Novo. A gente ia para lá, gostávamos de tomar um cafezinho, e elas iam tirando ouro do carumbé, de dentro do poço, e mostrando como se fazia aquilo. Nós já éramos quilombolas, mas não sabíamos. Sabíamos que éramos descendentes de negros, de escravizados, mas não sabíamos que éramos quilombolas.

Minha tataravó foi pega no laço: ela era bugre, comia carne crua, não comia comida cozida. Saía para caçar cana pelo mato, espiga de milho-verde crua – pegava e comia, sem assar, sem nada. Eu não gostava muito, eu só gostava da cana. Ela falava comigo: “Você tem uma estrada muito grande, filha. Você ainda vai ser uma pessoa muito prestigiada, vai ser valorizada.” Ela queria dizer que eu seria uma pessoa que iria ajudar os outros, que eu teria um conhecimento, que eu ajudaria o abantu, o mundo, com as benzeções e com as rezas.

Foi ela quem me ensinou a benzer cobreiro, sarampo, quebra-dura, queimadura. Ela me ensinou a benzer terçol no olho e espinhela

EU PERTENÇO A UM POVO INDÍGENA, o povo Pankararu. Meu nome, na minha tradição, é Toá Canynã Pankararu. Meu nome em português é Cleonice. Moro numa pequena aldeia formada por dois povos indígenas: Pataxó e Pankararu. Esses povos se uniram em família e formaram uma aldeia à margem direita do rio Jequitinhonha, no município de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais. É uma aldeia pequena, é um grupo familiar. Trabalhamos o artesanato; trabalhamos o fortalecimento da nossa identidade, da nossa cultura; trabalhamos também a recuperação ambiental, o respeito pela Mãe Terra. Nós estamos vivendo momentos muito difíceis, e para nós, que temos a nossa tradição e um vínculo muito forte com a natureza, está sendo muito desafiador. Eu sou mãe, sou avó, tenho uma neta de sete anos, sou mãe de três moças, que são estudantes e estão fazendo mestrado na área ambiental. E sou artesã. A minha área de atuação é a agroecologia, a permacultura. Um dos nossos objetivos é fortalecer nossa luta como mulheres, indígenas e habitantes do território brasileiro.

Nós tentamos restabelecer espaços, nós tentamos nos fortalecer como povo indígena. Aqui em Minas Gerais, somos mais ou menos catorze etnias e 50 mil indígenas. Desde o sul até o norte de Minas,

MEU NOME É IONE MARIA DE OLIVEIRA, filha da matriarca Wanda de Oliveira. Antes que eu me apresente, já falo: sou filha de Wanda de Oliveira. Eu tenho as pessoas de quem nasci, pessoas que me criaram e me educaram. Estou seguindo o caminho da minha matriarca, em todos os sentidos: na questão da cozinha, na questão do fazer, no levantamento de plantas medicinais e no estudo de como usar essas plantas no dia a dia. Na cozinha, tudo, se remete a ela, a gente prepara. Aquilo que a minha mãe me propôs ao longo da vida dela, tudo aquilo que ela me ensinou, é o que eu desenvolvo hoje. A gente também está passando esse conhecimento, essa colher de pau que ela nos deu – me deu, e deu a outros também. Minha mãe fez a passagem no meu colo, e eu cantei para Nanã, pedindo que Nanã nos acolhesse naquele momento em que a minha mãe estava indo embora, que esse Orixá estivesse ali para me amparar. Eu acredito nessa força, eu vivo essa força. Ela fez a passagem em 26 de agosto de 2018, e recebeu o título de mestre da cultura popular.¹

1 Em 23 de novembro de 2019, Wanda de Oliveira recebeu postumamente o Prêmio Mestre da Cultura Popular de Belo Horizonte, durante a terceira edição desta premiação, que é promovida pela Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Cultura e Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. [N. E.]

Alá De já dò mahi
Alá De já dò mahi
Ago fiezê
Ago fiezê
Adonun akikó ahum só
Diewa ê

MEU NOME CIVIL É LUIZ FERNANDO OLIVEIRA DE SOUZA; sou natural do Rio de Janeiro. Resido nas Minas Gerais há vinte anos, descendo do Candomblé da saudosa Gayaku Luiza. Minha Gayaku é Regina de Avimaje, do Alto da Levada, no Recôncavo Baiano. A minha obrigação de sete anos foi conduzida por Gayaku Regina, e fiz a obrigação junto com o meu Gaomon Achilles de Aziri Togbossi e a Dofonutin de minha Gayaku, Nívea de Azonsù.

Hoje quem dá sequência à minha jornada espiritual é uma senhora que tem por nome Marlene Francisca Andrade, também do Jeje, da casa do Zogodo Boogun Male Hundo, iniciada para a vida espiritual aos onze anos de idade pela sacerdotisa Donè Huniò Mere Dogi, Donè Huniò do Bogum. Minha sacerdotisa tem quase sessenta anos de iniciada. É uma senhora de Vodun Dã, de Gbesen. Foi ela quem me outorgou o título dentro do culto. Eu sou conhecido como Humbono.

EU ME CHAMO SIDNEY FERREIRA DA SILVA, nasci em 1958. Aos sete anos, quando minha mãe teve um filho com síndrome de Down – na época a palavra era retardado ou excepcional –, comecei a questionar Deus. Por que Deus tinha dado esse filho para minha mãe, sendo ela tão caridosa e acolhedora com todo mundo? Fiquei com uma certa pressão sobre o Deus cristão. Fiz a primeira comunhão na Igreja Católica. Mais tarde, passei a conviver e fazer amizades com as pessoas da Igreja do Evangelho Quadrangular e fui para lá. Um dia perguntei: por que Deus coloca no mundo pessoas doentes, cegas, mudas, surdas, excepcionais, como o meu irmão? Me responderam que era para mostrar o poder dele, e isso me distanciou mais um pouco do Deus cristão.

Um dia, indo para a casa de uma irmã da igreja, no Padre Eustáquio, passei na frente de um terreiro e ouvi o batuque, os atabaques batendo. Entrei e gostei daquilo que vi. Tinha uma amiga de escola que estava no meio da gira. Quando fui tomar passe, conversei com ela como se fosse a pessoa que eu conhecia. A Cabocla dela, Jurema, falava comigo que não era aquela pessoa, e eu não entendia. Ela chamou um Kambono, que me explicou. Então, fiz a pergunta para ela: por que Deus fazia aquilo? Eu tinha um irmão que trouxe muito trabalho para a minha mãe, ela havia largado tudo para cuidar dele. A Cabocla Jurema disse que aquilo que era um problema naquela época traria,

ME CHAMO DARUPÜ'ÜNA, clã de Mutum, sou da etnia Magüta ou Ticuna. Magüta é o nome do povo pescado por Yo'i no Eware, Magüta é o povo Ticuna. Yo'i disse que esse povo cultivará a Terra e será o dono dela até o fim do mundo. Mesmo que um povo indígena acabe, este povo vai formar outra gente porque sempre vão deixar suas sementes na Terra. Magüta tem que viver para sempre: se o povo Magüta morrer, acaba o mundo. Somos uma das maiores populações da região amazônica, com mais de 50 mil habitantes atualmente. A minha etnia está localizada nas três fronteiras: Peru, Colômbia e Brasil. Eu sou filha de lideranças: tanto meu pai quanto minha mãe foram influências tradicionais desses territórios. Somos uma família imensa.

O nome do meu pai é Mepawecü, clã de Mutum, e o nome dele em português é Reinaldo Otaviano do Carmo. Ele foi um dos autores do Livro *Tchorü duüügüca' tchanu – Minha luta pelo meu povo*,¹ também foi uma das lideranças mais influentes na luta pela demarcação da terra indígena Ticuna, e faleceu há cinco anos. Ele foi o primeiro professor indígena Ticuna e criou vários projetos relacionados à educação indígena diferenciada. Foi o meu pai quem ajudou a criar o projeto *Educação Ticuna: arte e formação de professores indígenas*, sobre a

1 Marília Facó Soares, Pedro Inácio Pinheiro (Ngematücü), Reinaldo Otaviano do Carmo (Mapawecü), *Tchorü duüügüca' tchanu – Minha luta pelo meu povo*. Niterói: Eduff, 2014. [N. E.]

COMEÇO PRIMEIRO POR LEMBRAR que a gente não entra na tradição de matriz africana; a gente é escolhida pela ancestralidade para seguir uma tradição. Eu sou do Ilê de Osaguian. Eu sou uma Iyá Ewé, tenho o cargo de “Cuidadora das Folhas”. Sou filha de Lògún Edé, que na mitologia dos Orisàs se diz que “é uma criança que velho respeita”. Ser filha do Orisà Lògún Edé significa ao mesmo tempo ser filha de um Orisà-criança, que se dispõe a aprender cotidianamente com o pai Òsòsì da mata, e com a sua mãe Òsún do rio. Aprender a caçar com Òsòsì e dar de comer em abundância à família, e, ao mesmo tempo, a cuidar dos rios e viver sobre as águas com o brilho que sua mãe Òsún tem. Significa vencer a guerra e as revoltas com brilho, com a doçura que é de Òsún.

Quando eu tinha nove anos, a minha brincadeira era cobrir as goiabas que estavam nas árvores, bem na fase inicial delas, com um saquinho de plástico, para que elas ficassem grandes e protegidas. Hoje, isso é uma técnica da agroecologia. Depois de trinta anos, encontrei uma amiga de infância e contei que me tornei engenheira florestal. Então ela lembrou: “Você, desde pequena, já cuidava das plantas para alimentar as pessoas, não é?” Por isso reforço que a ancestralidade é que nos escolhe e define nosso odu, nosso destino.

Além de ser uma mulher da tradição de Iorubá – sou da nação de Ketu –, sou, pela ciência moderna, engenheira florestal, mestre em

EU GOSTO MUITO DESSA CANTIGA porque ela é a voz. Ela fala que não tem empregado nem patroa; essa voz é verdadeira, ela não se corrompe e ela alcança a todos. E também é uma voz responsável por aquilo que ela forma, produz e conduz. Exu é esse responsável. Eu queria pedir a Exu, e vou cantar para ele me ajudar e nos ajudar agora. Toda vez que vamos fazer um trabalho, eu chamo Exu para ficar presente o tempo todo. Eu o saúdo e falo quem ele é:

Aê Exu
Puxa a linha devagar
Aê Exu
Puxa a linha devagar

O Exu também é pai
Ele vai nos ajudar

O Exu também é pai
Ele vai nos ajudar

Aê Exu
Puxa a linha devagar

Aê Exu
Puxa a linha devagar

Uma conversa entre viventes – terra, folhas, bichos e imagens do tempo como acontecimentos poético-educativos

Wagner Leite Viana

ESTE BREVE ENSAIO trata dos encontros e oficinas realizadas no contexto do projeto *Jardins do Sagrado*.¹ A busca, aqui, é por compreender e partilhar o processo poético e educativo envolvido nessas práticas, na esperança de que outros artistas e educadores possam encontrar pontos de relevância encruzilhados nas suas próprias práticas, de modo que as palavras *poética*, *educação*, *imagem* e *produção* possam ser lidas em perspectivas cosmoperceptivas, tecendo o diálogo com os saberes das comunidades tradicionais, em especial povos

¹ Minha relação com este tema parte de experiências que tive na infância, em minha comunidade; desde o impacto da cor advindo da relação direta com o Urucum, pó de colorau, o Açafraão-da-Terra, utilizado como condimento e remédio, até a prática de misturar cal e óleo para a pintura de parede. Tais experiências me impulsionaram na investigação e na prática com minerais e vegetais na produção de tintas, resultando em uma pesquisa acadêmica nos campos da pintura, educação, filosofia e espiritualidade, educação ambiental e relações étnico-raciais iniciada no ano 2000, e que prossegue em minha atuação docente junto ao curso de licenciatura em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Os encontros deste projeto foram pensados e organizados junto com a bolsista Thais Michelle Mátia Zacarias.

Retratos das mestras e dos mestres

Dolores Orange

Os retratos que compõem este livro foram feitos em agosto de 2023, com a câmera Hasselblad 503cx e filmes Kodak Gold 200, na casa, no terreiro ou na aldeia de cada mestre.

Jardins do Sagrado: cultivando insabas que curam

LIVRO

ORGANIZADORES

César Geraldo Guimarães
Flávio Henrique de Oliveira Santos
Maria Carolina Fenati

EDITORES

César Geraldo Guimarães
Fernanda Regaldo
Maria Carolina Fenati

BOLSISTAS

Ana Elisa Vilasbôas Moreira, Bianca Zacarias França, Cláudia Regina dos Santos, Crisângela Elen de Souza, George dos Santos Faria, Helena de Lyra Azoubel, Júlia Duarte da Cunha, Júnia Mara Alves de Souza, Laura Romano de Oliveira Pereira, Maria Katiana Peters Coelho, Maria Luiza Silva Sena, Thais Michelle Mátia Zacarias

TEXTOS

Álan Oziel da Silva Pires, Babalorixá Sidney d'Oxóssi, César Geraldo Guimarães, Darupüüna, Eliane Parreiras, Fernanda Regaldo, Flávio Henrique de Oliveira Santos, Humbono Misiò Luiz Fernando, Luciana Féres, Mam'etu Muiandê, Maria Carolina Fenati, Pai Ricardo, Tat'etu Jalabo, Toá Canyã Pankararu, Iyá Ewé Angela Gomes, Yalorixá Ione Ty Oyá, Wagner Leite Viana

FOTOGRAFIAS

Alvaro Barros Viana, Janaina Barros Silva Viana e Wagner Leite Viana
Dolores Orange

PRODUÇÃO EDITORIAL

Camila Figueiredo

PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Maria Carolina Fenati

REVISÃO

Andrea Stahel

PROJETO GRÁFICO, FORMATAÇÃO E MONTAGEM DE CAPA

Rafael Chemicatti

TRATAMENTO DE IMAGEM E PRODUÇÃO GRÁFICA

Felipe Chemicatti

DOCUMENTÁRIOS

DIREÇÃO

César Geraldo Guimarães e Pedro Aspahan

CÂMERA E MONTAGEM

Pedro Aspahan

PRODUÇÃO E ENTREVISTAS

César Geraldo Guimarães

SOM DIRETO E FINALIZAÇÃO DE SOM

Leonardo Rosse

COORDENAÇÃO AUDIOVISUAL

Pedro Aspahan

PROJETO

COORDENAÇÃO DO PROJETO JARDINS DO SAGRADO

Álan Pires (Prefeitura de Belo Horizonte)

César Geraldo Guimarães (UFMG)

COMISSÃO COORDENADORA DA FORMAÇÃO

TRANSVERSAL EM SABERES TRADICIONAIS

www.saberestradicionais.org

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

César Geraldo Guimarães – FAFICH (Presidente)

Luciana Oliveira – DCS

Janaina Barros – EBA

Maria Aparecida Moura – ECI

Maria Auxiliadora Drumond – ICB

Renata Marquez – Escola de Arquitetura

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

PREFEITO

Fuad Jorge Noman Filho

SECRETÁRIA DE CULTURA – SMC

Eliane Parreiras

SECRETÁRIO MUNICIPAL ADJUNTO DE CULTURA – SMC

Gabriel Portela

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA – FMC

Luciana Rocha Féres

DIRETOR DE PATRIMÔNIO CULTURAL – DIPC

Carlos Henrique Bicalho

COORDENAÇÃO DO PROJETO JARDINS DO SAGRADO/

PATRIMÔNIO IMATERIAL – DIPC

Álan Pires

DIRETORA DE PATRIMÔNIO CULTURAL [2019-2022]

Françoise Jean de Oliveira Souza

CHEFIA DE GABINETE – SMC [2019-2022]

Karime Gonçalves Cajazeiro

CORREALIZAÇÃO

Prefeitura de Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão

PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação

Departamento de Comunicação Social UFMG

Escola de Belas Artes



CULTURA



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

trabalho energia coração